

CONTE, GIAN BIAGIO. *DELL'IMITAZIONE. FURTO E ORIGINALITÀ*. PISA, EDIZIONI DELLA NORMALE, 2014, 109 PÁGINAS.

Paulo Sérgio de Vasconcelos*

* Instituto de Estudos da Linguagem, Unversidade Estadual de Campinas.

Gian Biagio Conte é um nome bem conhecido e prestigiado internacionalmente no campo dos estudos clássicos, e cada novo ensaio seu desperta interesse, sobretudo entre os que se dedicam aos estudos sobre alusão e intertextualidade na literatura latina. Seu livro polêmico¹ e muito influente, *Memoria dei poeti e sistema letterario* completou quarenta anos em 2014. *Memoria* foi traduzido para o inglês por Charles Segal e publicado numa coletânea de ensaios contianos; *The Rhetoric of imitation*,² foi sobretudo através dessa versão que Conte exerceu grande influência nos países de língua inglesa. Em nossa área, talvez seja impossível encontrar, desde então, um estudo sobre alusão que não o cite. Outra prova da importância do livro é a reedição do texto original em 2012.³

O grande trunfo de Conte no *Memoria* foi unir conhecimentos sólidos de filologia clássica a uma visão mais sutil do fenômeno literário que o levou a propor análises muito finas de poesia latina. O livro se ressent, porém, do jargão de uma linguagem por vezes quase impenetrável, aspecto que foi muito criticado, até com severidade extremada. De fato, há na obra a marca vistosa do estruturalismo e da semiologia, e se a teoria certamente contribui para uma visão nada superficial do fenômeno poético, por outro lado, com seus excessos, torna o texto por vezes penoso para o não iniciado. No conjunto, avançando para além de Pasquali ao explorar a tradição poética como um sistema e analisar a produção de sentido dos ecos textuais, Conte trouxe um novo impulso aos estudos sobre alusão e intertextualidade na poesia latina. Destaco sua concepção da alusão como uma figura retórica, um

¹ Filólogos mais tradicionalistas condenaram o livro, mesmo na versão para o inglês, em que certas asperezas do original foram amenizadas; veja-se, por exemplo, a resenha de Nicholas Horsfall em *The Classical Review*, New Series, vol. 37, no. 2, 1987, p. 304-305.

² CONTE, Gian Biagio. *The Rhetoric of imitation. Genre and poetic memory in Virgil and other Latin poets*. Translated from the Italian, edited and with a foreword by Charles Segal. Ithaca, New York, Cornell University Press, 1996.

³ CONTE, Gian Biagio. *Memoria dei poeti e sistema letterario*. Palermo, Sallerio, 2012.

achado que ilumina os processos alusivos. A repetição, ao logo do ensaio, de termos como “sistema”, “funcionamento”, “operação” constitui o aspecto mais visível das filiações teóricas de Conte; quarenta anos depois, contextualizados, podemos ignorá-los e valorizar o que de fato ficará como conquista para a interpretação da poesia latina: as análises finas de poesia, sobretudo de Virgílio, e sobretudo da *Eneida*.

Em 2014, Conte volta ao tema da alusão para rever suas ideias a respeito do fenômeno e criticar os que teriam abusado do método apresentado no livro de quarenta anos atrás. Assim, neste *Dell'imitazione*, o autor apresenta dois breves ensaios: “Rubare la clava ad Ercole” e “Una retrospectiva critica: metodo e limiti”. No primeiro, não há nada de muito novo, apenas uma ênfase num certo aspecto do processo imitativo de Virgílio: é pela imitação que muitas vezes se realça o ato criativo, uma ideia-força já adiantada na introdução do livro:

l'imitazione molto spesso è la via stessa dell'originalità, la condizione *grazie a cui* essa si realizza. (p. 8)

Homero, para o Virgílio da *Eneida* (a relação alusiva privilegiada por Conte no ensaio), constitui uma espécie de matriz gerativa, “energia produtiva de novas realizações” (p. 57). No processo de apropriação de seu modelo maior, Virgílio marca as diferenças com relação a ele e propõe, através dessa operação, novos conteúdos, valores, visão de mundo.

Passo ao segundo ensaio, polêmico e surpreendente. Sabemos que Conte, como ele mesmo diz no prefácio, deixou de lado a teoria para se dedicar a tarefas do filólogo clássico mais tradicional: assim, por exemplo, editou as *Geórgicas* e a *Eneida* para a Teubner.⁴ Quarenta anos depois (parafrazeamos palavras suas), não se arrepende das ideias expostas em *Memoria*, mas julga que seu pensamento é, agora, mais sensato (p. 8). Em resumo, Conte gostaria de impor limites ao método interpretativo que se ligou a seu nome, criticando análises que não se baseariam em elementos textuais concretos. Seu segundo ensaio investe contra o que seria um pós-estruturalismo e um desconstrucionismo tardio nos estudos clássicos e contra os que teriam “distorto o addittura snaturato il quadro critico” que ele propunha (p. 89).

⁴P. VERGILIUS MARO. *Georgica*. Edidit et apparatus critico instruxit Gian Biagio Conte. Berlin/Boston, De Gruyter, 2013; P. VERGILIUS MARO. *Aeneis*. Recensuit atque apparatus critico instruxit Gian Biagio Conte. Boston/New York, De Gruyter, 2012.

É curioso ver um teórico tentando controlar a recepção de sua teoria...; sobretudo, surpreende o conservadorismo de Conte ao analisar criticamente certas análises de poesia latina que teriam ultrapassado os limites do método.

Um dos alvos dessas invectivas, não nomeado, é Stephen Hinds; duas análises que constam de seu *Allusion and intertext* são tratadas como excessos interpretativos. Quando Ovídio, na elegia dos *Amores* II, 6, canta a morte do papagaio de Corina, o primeiro verso designa o bicho de estimação de “ave imitadora” (*ales imitatrix*); Hinds⁵ vê aqui uma referência ao ato mesmo de imitação praticado por Ovídio, que, como se sabe, imita o poema 3 de Catulo, celebração do falecido pardal da amada. Conte critica:

⁵ *Allusion and intertext. Dynamics of appropriation in roman poetry.* Cambridge, University Press, 1998, p. 4-5.

Il decostruzionista di turno non poteva mancare: “the *psittacus* is called an *imitatrix ales* by Ovid not just because its role in nature is to mimic, but because its role in the Latin erotic tradition is to ‘imitate’ that particular bird celebrated by Catullus”. (p. 99)

Não sei também se fico convencido com a análise de Hinds, que, seja como for, considero fascinante, mas como rejeitá-la com tanta segurança como faz Conte, em nome de um conceito de ciência que beira o positivismo?:

Un metodo funziona se ne vengono rispettate le procedure – regole basate su oggettivi criteri di razionalità, intese appunto ad assicurare risultati verificabili. Rispettare le regole di un método comporta l’obbligo di rispettarne i limiti. La filologia è un’arte, ma aspira al rigore di una scienza. (p. 99)

Posso ser convencido ou não pela análise de Hinds, mas será correto descartá-la em nome de uma objetividade científica que não leva em conta o papel do leitor na interpretação? Papel, aliás, que Conte menciona em outras partes de seu ensaio (como na p. 86, quando trata da questão das intenções do autor). De resto, nem em *Memoria* nem neste *Dell’imitazione* (não seria mesmo possível, parece-me), o filólogo aponta esses “critérios objetivos de racionalidade” do método de detecção e interpretação das alusões que assegurariam “resultados verificáveis”. Elementos concretos do texto podem ajudar a convencer de que determinada passagem ecoa outra, mas a interpretação a dar a tal eco,

um sentido a ser explicitado pelo leitor, sempre será subjetiva, sempre sujeita a controvérsia, por mais que, em sua retórica de convencimento, a erudição e inteligência desse leitor confirmam credibilidade a sua interpretação.

⁶ *Op. cit.*, p. 11-14.

No livro VI da *Eneida*, introduzindo uma passagem repleta de ecos enianos, temos *Itur in antiquam siluam* (179). Para Hinds,⁶ o texto acena para o leitor, condensando uma reflexão sobre o ato mesmo da imitação, pois a “antiga (venerável) floresta” é a poesia de Ênio. Conte comenta: “Io non ci credo, e poi mi chiedo quale utile ci sarebbe a crederci” (p. 97). Mas esse tipo de expressão não seria semelhante às “notas de rodapé alexandrinas” que Conte acolhe em suas próprias análises intertextuais? Não poderia ser mais um exemplo da reflexão sobre o próprio fazer poético que é tão forte na poesia de viés alexandrino? Pelo menos aqui, o julgamento de Conte põe em foco sua posição de leitor específico: ele não acredita...outros acreditarão. O que surpreende é que se apresentem tais interpretações como erros, excessos que seriam facilmente repelidos por uma abordagem objetiva e científica da atividade filológica.

Os outros exemplos examinados por Conte me parecem, de fato, mais duvidosos; pessoalmente, não os equipararia aos extraídos da obra de Hinds. Digamos, porém, mesmo aqui, “duvidosos”, não erros no emprego de um método científico cujo rigor produziria verdades verificáveis empiricamente. Uma interpretação sobre certa passagem da *Eneida*, alvo de Conte, parece-me altamente improvável: mostra uma manipulação demasiado arbitrária dos dados textuais; mas deixarei que o leitor do ensaio a identifique, imitando, assim, o próprio Conte, que não menciona os nomes dos “pecadores”, apenas os “pecados” (e é curioso notar como linguagem religiosa e médica aparecem aqui e ali nos ensaios reunidos neste livro).

O pensamento de Conte, vê-se, deu uma guinada conservadora. Mas nem preciso dizer que a leitura deste *Dell'imitazione* (que, aliás, nada tem da escrita por vezes emaranhada de seu *Memoria*) é indispensável a todos os que se dedicam à poesia latina e a estudos intertextuais.